

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

William Euclides Santos da Silva

POR QUE LIBERDADE?

Reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais

Rio de Janeiro
2025

William Euclides Santos da Silva



POR QUE LIBERDADE?

Reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Professora Maria Lia Gautério Conde Pinto

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, William Euclides Santos da
Por que liberdade? : reflexões sobre o ensino de artes visuais /
William Euclides Santos da Silva. – Rio de Janeiro, 2025.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e
Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de
Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Maria Lia Gautério Conde Pinto.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Educação e liberdade. 3.
Autonomia do aprendiz. 4. Criatividade. 5. Imaginação. I. Pinto, Maria
Lia Gautério Conde. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

William Euclides Santos da Silva

POR QUE LIBERDADE?

Reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista no Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Professora Maria Lia Gautério Conde Pinto (Orientadora - Pró-reitora de Pós Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II)

Raquel Teixeira de Souza (Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II)

Márcia Viviani Ruiz Schiavo Forain (Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II)

Rio de Janeiro
2025

AGRADECIMENTOS

A vida é uma tapeçaria tecida com fios de luz, amor e superação. Cada ponto, cada cor, representa uma jornada, um desafio, uma vitória. No final de mais uma etapa, sinto a necessidade de externar minha gratidão, uma gratidão que transborda a alma e alcança o universo.

Primeiramente, meu mais profundo agradecimento a Deus, à espiritualidade e a todos os seres de luz que, invisíveis aos olhos, guiaram meus passos, iluminaram minha mente e acalmaram meu coração nos momentos de incerteza. A certeza de que não estou só, de que há uma força maior me amparando, foi meu alicerce.

A você, minha mãe, Berenice, meu anjo em memória, dedico este momento. Tua ausência física jamais preencherá o vazio, mas a tua presença espiritual é meu porto seguro, a força que me impulsiona a ser uma pessoa melhor, a buscar a excelência. As lições que me ensinaste, o teu amor incondicional, são a herança mais preciosa que levo comigo.

À minha amada companheira, Taíse, minha confidente, minha parceira de jornada. Seu amor, sua paciência e seu apoio incondicional foram o meu refúgio e a minha inspiração. Ter você ao meu lado tornou o caminho mais leve, a caminhada mais prazerosa. Você é a poesia que habita a minha vida.

À minha querida gata, Ágata, a tranquilidade dos seus olhos e a doçura do seu ronronar foram meu alento nas noites de estudos e cansaço. Aos meus alunos, que, mesmo com a pouca idade, me ensinaram tanto. A busca de vocês pelo saber e a vontade de aprender me motivaram e deram propósito a esta jornada.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas de curso, com quem dividi horas de estudos, risadas, angústias e vitórias. Juntos, somos mais fortes. E aos meus professores, a quem devo parte significativa deste crescimento, meu eterno respeito e admiração. Agradeço em especial à professora Maria Lia Gauterio, que com sua paixão pela educação me mostrou que o conhecimento é a maior forma de liberdade, e ao professor Edvandro Sombrio, que com sua tolerância e compreensão pelas minhas faltas devido à distância do Campus do Colégio Pedro II de São Cristóvão, ensinou-me que a vida é uma oportunidade para aprender, e que o saber não tem limites, e também pelas aulas de campo em exposições de arte riquíssimas.

Este momento não é o fim, mas a celebração de um novo começo. A caminhada segue, e a gratidão é a bússola que nos guia.

RESUMO

Silva, William Euclides Santos da. **Título: Por que liberdade?** – Reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso – Colégio Pedro II, Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazeres, Rio de Janeiro, 2025.

Neste estudo, analisamos o ensino de Artes Visuais como prática de liberdade e emancipação no contexto da educação pública brasileira. Para tanto, fundamenta-se em ideias de Paulo Freire e Hélio Oiticica a fim de pensar a arte como meio de expressão autêntica e de construir uma discussão acerca da autonomia dos educandos. Neste sentido, examinamos a *Pedagogia da Autonomia*, a importância da imaginação e o papel das poéticas visuais no estímulo à reflexão crítica e à desconstrução de valores hegemônicos. Ademais, abordamos também a relevância da arte como dispositivo para resistir a normas rígidas, valorizar o ordinário e fomentar subjetividades criativas. Por fim, defendemos que o ensino de Artes Visuais, ao promover a experimentação, a liberdade e a participação ativa, contribui para a formação de sujeitos críticos, autônomos e engajados socialmente, ampliando as possibilidades de transformação cultural e social desde o interior da educação.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Liberdade. Pedagogia da autonomia. Criatividade. Imaginação.

ABSTRACT

Silva, William Euclides Santos da. **Título: Por que liberdade?** – Reflexões sobre o ensino de Artes Visuais. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazeres, Rio de Janeiro, 2025.

In this study, we analyze the teaching of Visual Arts as a practice of freedom and emancipation within the context of Brazilian public education. To this end, it is grounded in the ideas of Paulo Freire and Hélio Oiticica in order to conceive art as a means of authentic expression and to develop a discussion on students' autonomy. In this sense, we examine the pedagogy of autonomy, the importance of imagination, and the role of visual poetics in fostering critical reflection and the deconstruction of hegemonic values. Furthermore, we address the relevance of art as a tool to resist rigid norms, value the ordinary, and nurture creative subjectivities. Finally, we argue that the teaching of Visual Arts—by promoting experimentation, freedom, and active participation—contributes to the formation of critical, autonomous, and socially engaged individuals, expanding the possibilities for cultural and social transformation from within education.

Keywords: Visual Arts Education – Freedom – Pedagogy of Autonomy – Creativity – Imagination

SUMÁRIO

1 - IMAGINAR É LIBERTAR

1.1 - Ensaio Visual: caderno de artista

1.2 - Reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais

1.3 – Por que liberdade?

1.4 – A certeza da provisoriedade

2 - A DANÇA DA CRIAÇÃO: ARTE E VIDA NA SALA DE AULA

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

4 - REFERÊNCIAS

1 - IMAGINAR É LIBERTAR

1.1 Ensaio Visual: caderno de artista

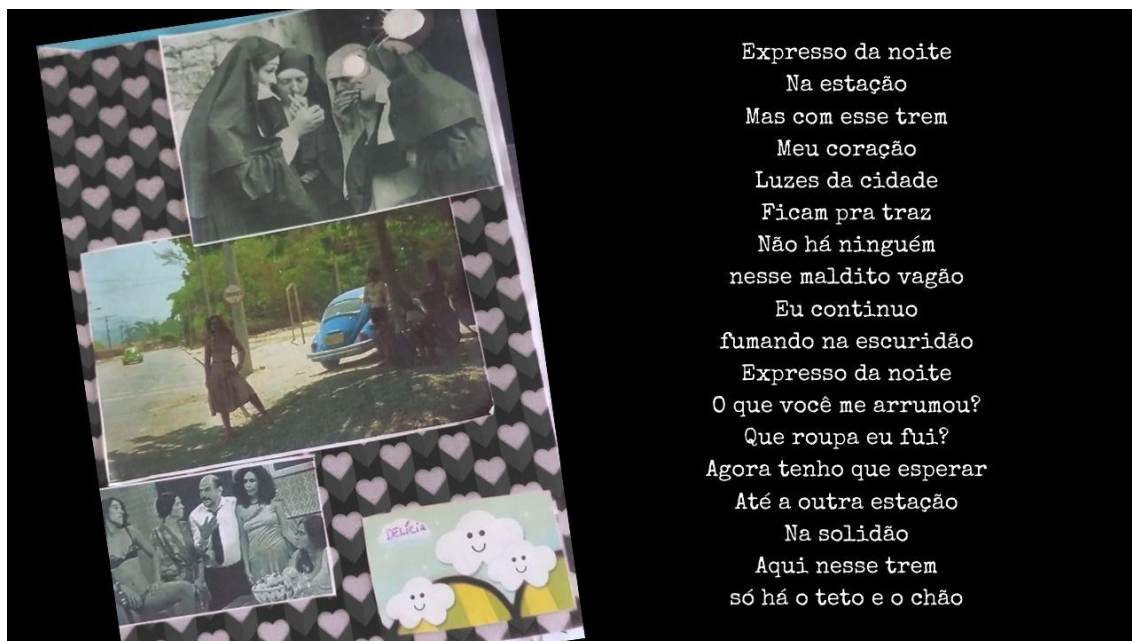
Liberdade é uma
palavra que o
sonho humano
alimenta, não há
ninguém que
explique e
ninguém que não
entenda.

Cecilia Meireles





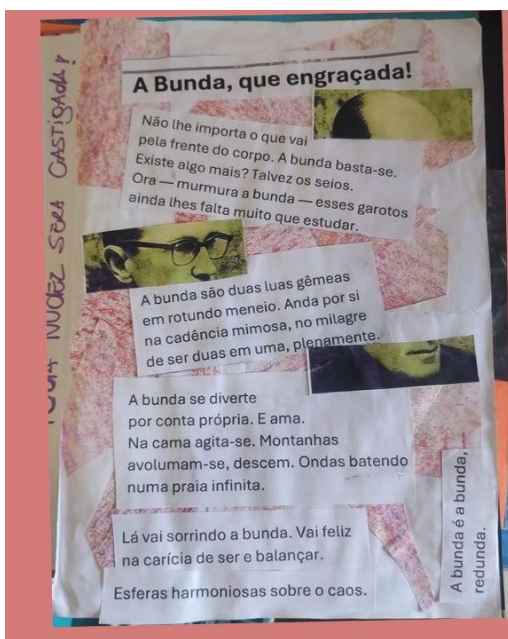
**"TEMPO AMARELO", A MÚSICA, É O ZUMBIDO INSISTENTE DE
 UMA REALIDADE QUE NÃO CESSA. É O SOL QUE ARDE SEM
 AQUECER, A LUZ QUE CEGA EM VEZ DE ILUMINAR. A ALICE,
 COM SUA SAIA PLISSADA E OLHAR DISTANTE, É A
 JUVENTUDE APRISIONADA NESSA PAISAGEM DE
 OPORTUNIDADES BRILHANTES E INALCANÇÁVEIS, COMO
 AS BOLHAS AMARELAS QUE A CERCAM. A FLOR
 ALIENÍGENA, DE COR ROSA SUAVE, FLUTUA COMO UM
 SONHO IMPOSSÍVEL, UM OÁSIS DE BELEZA QUE NUNCA SE
 CONCRETIZA, SEMPRE FORA DE ALCANCE...**



Expresso da noite
 Na estação
 Mas com esse trem
 Meu coração
 Luzes da cidade
 Ficam pra traz
 Não há ninguém
 nesse maldito vagão
 Eu continuo
 fumando na escuridão
 Expresso da noite
 O que você me arrumou?
 Que roupa eu fui?
 Agora tenho que esperar
 Até a outra estação
 Na solidão
 Aqui nesse trem
 só há o teto e o chão

Na moldura de corações repetidos, que ironicamente simbolizam um amor idealizado, desdobram-se cenas que sussurram sobre um submundo, sobre liberdades clandestinas e os seres que habitam o subterrâneo social. É um convite à "Fumando na Escuridão", de Celso Blues Boy, onde a fumaça densa do cigarro dissolve as ilusões e a noite revela as verdades nuas.

No topo, as freiras, figuras de contenção e dogma, são flagradas em um ato de rebeldia silenciosa: o cigarro entre os dedos, a fumaça exalando no ar que deveria ser puro. É a transgressão mínima, a busca por uma liberdade íntima que desafia as amarras da fé e da moralidade. São protagonistas desse submundo, onde a fé se mistura com a fumaça e a santidade com o desejo humano. A escuridão aqui não é a ausência de luz, mas a penumbra que permite os pequenos desvios, as brechas na fachada social.



PERFUME DE MULHER – FUNKERO
 A flor da pele,instinto natural,não
 precisamos falar,linguagem corporal
 Mesmo que nosso calor faça tudo pegar fogo
 Eu vou te beijar inteira,de novo, e de novo e
 de novo....
 Uma pedra de gelo descendo pelas tuas
 costas,
 Puxando seu cabelo,me diz como tu gosta
 Seu corpo é uma máquina,me deixa
 pilotar,sou piloto de fuga,não paro de
 acelerar
 Até ver seu corpo tremer,ate seu olho virar,
 Anjo caído do céu,pronta pra me enfeitiçar,
 Não para continua,vamo até a lua,
 Pintura de Da Vinci, é você toda nua
 Em cima do salto alto,eu mordendo suas
 pernas
 Meu único desejo e que essa noite seja eterna
 Vem que vem,gatona,deixa acontecer
 1 cama 4 paredes eu e você

"Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz na carícia de ser e balançar." - Carlos Drummond de Andrade. A imagem da bunda que sorri e balança livremente é uma ode à autoaceitação e ao empoderamento. Ela é redonda, perfeita em sua forma e função, desafiando os padrões impostos e as expectativas alheias. Os fragmentos de imagens de rostos, com seus olhares inquisidores ou curiosos, espalhados pela colagem, são as vozes de repressão, mas são ofuscadas pela grandiosidade da celebração do corpo. As "esferas harmoniosas sobre o caos" são a beleza do corpo em movimento, a poesia do prazer que se eleva acima da desordem e do julgamento. Em um mundo onde os corpos femininos são constantemente vigiados e controlados, a bunda, em sua plenitude e gozo, torna-se um símbolo de revolução. É o "Perfume de Mulher" que inebria e liberta, a melodia de Funkero que exalta a autonomia do corpo e a liberdade de ser, sentir e gozar, sem amarras, sem culpas, apenas o grito de um prazer que é, em si, a mais pura expressão de liberdade.



ÁRVORES – FRANK FURTADO

A sombra do terreiro é do abacateiro
 A sombra do terreiro é do abacateiro
 A sombra do terreiro é do abacateiro

O Sana tem pé de manga aroeira tem goiabeira
 laranjeira e araçá tem jacaré embaúba maricá tem
 urucum fruta pão e gravatá tem cedro rosa
 vinhático e canafistula tem pé de jaca pé de pinha
 pé de ingá

O Sana é tão bonito preserve esse lugar são
 árvores tão lindas nem dá para acreditar o homem
 corta e obriga o burro a carregar com tapa olho
 que é pro burro não enxergar o homem burro e o
 machado continua e desse jeito daqui a pouco
 falta ar

Tem jacaré embaúba maricá tem urucum fruta pão e
 gravatá tem cedro rosa vinhático e canafistula
 tem pé de jaca pé de pinha pé de ingá

A imagem do burro com "tapa olho" é uma metáfora poderosa da cumplicidade forçada. O burro, sem enxergar a destruição que carrega, é a representação daqueles que, por ignorância ou por serem silenciados, se tornam ferramentas da opressão. A liberdade do burro é roubada, assim como a liberdade das árvores. O machado do homem, símbolo da brutalidade e da insensibilidade, continua sua obra destrutiva, ignorando que "daqui a pouco falta ar". Essa frase final é o grito mais alto de resistência: a natureza se nega a ser subjugada, e sua morte implica na morte de todos.

A natureza aqui não é passiva. Ela resiste pela sua própria existência. A letra, ao nomear e celebrar cada árvore, é uma forma de resistência poética, um lembrete de que a liberdade da natureza é intrinsecamente ligada à nossa própria. O grito do Sana é o grito da Terra, um apelo para que a liberdade das árvores, do ar e da vida não seja sufocada pela insensatez humana. É uma canção que nos convida a sermos cúmplices não da destruição, mas da preservação, e a lutar por um futuro em que a sombra do abacateiro e a liberdade do ar sejam direitos inalienáveis para todos



Gilberto Gil, em sua canção "Ela", tece um fio invisível que une a busca incessante por liberdade à própria essência da arte. O título, aparentemente simples e universal, ganha profundidade ao ser associado à ideia de uma companheira diária, uma musa que permeia a existência em seus mais diversos matizes. Ela, nesse contexto, não é apenas uma figura feminina, mas a própria arte que acompanha o indivíduo em sua jornada.

A liberdade, para Gil, não se restringe a um conceito político ou social. É, acima de tudo, uma sensação, um estado de espírito que se manifesta nos pequenos detalhes do cotidiano. É a arte que se apresenta na melodia que ecoa por uma rua movimentada, no cheiro de café que traz à tona uma memória distante, no sotaque que revela a origem de um amigo. Esses elementos, que poderiam passar despercebidos, são, na verdade, os alicerces da liberdade, pois dão sentido e beleza à vida.

A canção se torna um manifesto poético que celebra essa relação simbiótica. A arte, personificada como "ela", é a bússola que guia o percurso, o tempero que enriquece os aromas, o eco que modula os sotaques. Ela é a força que liberta o espírito da rotina, da mesmice, da prisão do óbvio. É a constante que transforma o ordinário em extraordinário, convidando-nos a enxergar a beleza e a poesia em cada momento.

A liberdade, portanto, não é um destino a ser alcançado, mas uma jornada a ser vivida. E essa jornada, segundo Gilberto Gil, é enriquecida e guiada pela arte que, como uma fiel companheira, nos acompanha em cada passo, em cada suspiro, em cada descoberta. "Ela" é o lembrete de que a verdadeira liberdade reside na capacidade de nos entregarmos à beleza do mundo, seja ela qual for a sua forma, o seu som, o seu cheiro. É uma ode à sensibilidade e à capacidade de encontrar a arte em tudo o que nos cerca.



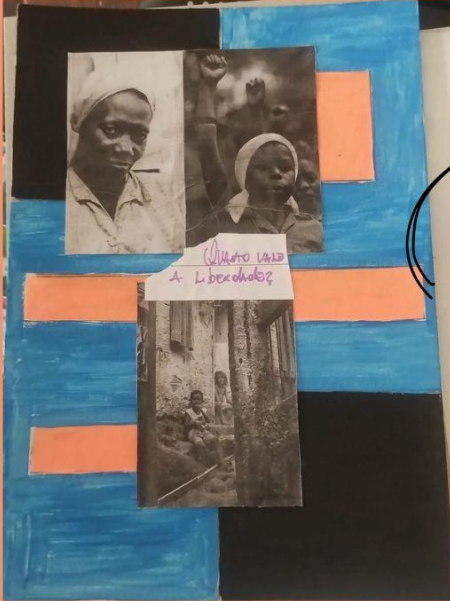
FEBRE DO RATO - MARCELO D2

Sou desse jeito (eu sou), virtudes e defeitos
Nunca pensei em ser perfeito
Mas vou correr pelo direito
Eu sou o sim, também o não
Sou liberdade, eu sou prisão
O que bate e o que estende a mão
Sou eu: pura contradição (eu mermo)

A canção de D2 é um lembrete de que todo ser humano é um universo de contradições. Somos seres que anseiam por liberdade, mas que, ao mesmo tempo, constroem suas próprias prisões, seja por medo, por convenções sociais ou por insegurança. A "febre" é essa agitação, essa energia que nos impulsiona, mas que também nos consome, levando-nos a um ciclo de busca e frustração. É a arte de tentar se libertar, mesmo sabendo que somos, por natureza, repletos de paradoxos.

É na aceitação desses paradoxos que, talvez, encontremos uma forma de liberdade genuína: a liberdade de sermos imperfeitamente humanos.

Não é fascinante como a nossa busca por liberdade pode ser, em si, a maior das nossas contradições?



Fio De Prumo (Padê Onã)

O ponteiro, o relógio, a corrida pro pódio
 A estética do mal no terror psicológico
 Espelho, perdão, lâmina, credo
 Ocupar essa praça, honesto
 A favela aguarda atenta ao revide
 Manifesto vira piada, declive
 Corrida clichê desagradável, pai
 Fetiche de playboy é colar com Barrabás
 Todos os dias na biqueira alguém vai
 Pra deixar um pouco mais a alma em stand by
 O que faremos, então? Sem provocar alarde
 Sepulcro mediano, me mate nessa tarde

Beberemos
 Nesta água Nicodemos
 Oremos
 Pois vamos suar veneno

Laroyê bará
 Abra o caminho dos passos
 Abra o caminho do olhar
 Abra caminho tranquilo pra eu passar

Segundo Noam Chomsky liberdade não é um conceito abstrato. É a luta para escapar das amarras da desigualdade que nos prendem. Criolo, com sua lírica visceral, nos leva para as ruas de uma cidade que respira contradições: a beleza da cultura popular em contraste com a dor da miséria. É nesse chão que a voz de Carolina Maria de Jesus, a escritora da periferia, ecoa. Seus escritos, tão potentes e atuais, revelam a dura realidade da fome, a invisibilidade e da luta por dignidade. Carolina, mesmo vivendo na pobreza, buscou sua liberdade pela escrita, transformando sua dor em arte e seu diário em um grito por justiça.

1.2 Reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais

1.2.1 – Contextualização

O presente trabalho parte de uma percepção de concepção de educação pública brasileira que, muitas vezes, engessa os corpos, cerceia a expressão corporal e castra a criatividade. Neste cenário, o ensino de Artes Visuais pode emergir como uma prática de liberdade. Sob essa perspectiva, e inspirados pelo pensamento de Paulo Freire, importante educador e filósofo brasileiro, compreendemos o processo educativo como um amálgama dinâmico de saberes e fazeres. Esses elementos não apenas compõem os repertórios individuais de educandos e educadores, mas também se entrelaçam no ato dialógico, enriquecendo a experiência de aprendizagem e a construção conjunta de conhecimento. A liberdade, por sua vez, será aqui compreendida como a capacidade de ultrapassar valores conservadores, tanto pedagógicos quanto artísticos.

Concordando a partir de Robson Corrêa De Camargo (2019), professor e crítico de teatro, a essência do experimentalismo de Hélio Oiticica, um dos grandes nomes da arte brasileira do século XX, reside na ruptura com as convenções artísticas, alçando a criação a um patamar de interação intrínseca entre público e obra. Oiticica, com sua visão vanguardista, concebia a arte não apenas como um veículo de expressão para a liberdade constrangida, mas como um catalisador de novas sensibilidades e protagonismos. Nesse horizonte, o espectador é convidado a transcender a passividade, emergindo como coautor de uma experiência artística que, paradoxalmente, se ergue em desafio às amarras da liberdade. Assim como seu contemporâneo Paulo Freire na educação, Hélio Oiticica, nas artes, defenderá uma prática libertadora, onde a participação ativa do indivíduo é essencial para a construção do conhecimento e da experiência estética.

A aula de Artes Visuais oferece um espaço-tempo de escape e resistência, no qual os educandos podem experimentar, questionar e expressar suas individualidades de maneira autêntica. O ensino de Artes Visuais, por meio de suas poéticas, estimula os estudantes a romper com normas e convenções, a desafiar o status quo e a dar voz às suas emoções e ideias. As Poéticas Visuais, segundo Yiftah Peled (2023), artista, professor e pesquisador brasileiro,

constituem um campo de pesquisa e prática dedicado ao desenvolvimento de projetos artísticos que articulam investigação teórica e experimentação estética. Esse campo busca compreender as relações entre procedimentos e linguagens, contribuindo para a construção de conhecimento sobre a prática artística contemporânea. A pesquisa em Poéticas Visuais, portanto, promove metodologias diferenciadas e um diálogo constante entre teoria e prática. Nesse cenário, o ensino de Artes Visuais possibilita que os educandos se reconectem com seus corpos, liberem sua criatividade e se afirmem como sujeitos únicos e transformadores.

O ensino de Artes Visuais, quando alinhado com a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, torna-se uma potência para emancipação. O conceito de autonomia para o educador brasileiro não se resume a um estado fixo a ser alcançado, mas sim a um processo contínuo de "vir a ser". Segundo Freire (2000), a autonomia é construída progressivamente na experiência do sujeito, especialmente através da tomada de decisões e da assunção responsável das consequências dessas escolhas. Freire defendia que a educação deve promover a liberdade e a capacidade crítica dos educandos.

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 2000, p.121)

Os processos e práticas artísticas em sala de aula oferecem um momento privilegiado para a expressão, a reflexão e a transformação. Ao explorar diferentes formas artísticas — como pinturas, colagens e desenhos —, os educandos são incentivados a desenvolver suas potencialidades, a questionar a realidade e a expressar suas próprias visões de mundo. A arte, portanto, ultrapassa a condição de simples conteúdo a ser ensinado, configurando-se como uma linguagem por meio da qual os estudantes se apropriam de suas histórias, culturas e identidades, formando-se enquanto sujeitos autônomos e conscientes.

Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reinventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. Sujeitos de uma prática que se veio tornando política, gnosiológica, estética e ética. (Freire, 2001: 12)

Dessa forma, em consonância com a pedagogia freireana, que compreende a educação como prática de liberdade, o ensino de Artes Visuais pode se configurar como um campo fértil para a emancipação discente. Em sua produção intelectual, Freire concebe o aprendizado como um processo que transcende a mera transmissão de conteúdos, voltando-se para o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos educandos, de modo que possam (re)significar a si mesmos e o mundo que os cerca.

Em sintonia com Freire, Ana Mae Barbosa, arte-educadora e pesquisadora, em sua extensa obra, estabelece uma profunda relação entre arte, educação e liberdade. Para a autora, a arte transcende a condição de objeto estético, constituindo-se como um poderoso instrumento de transformação social e individual. Em suas reflexões, Barbosa destaca que a inserção significativa da arte na educação amplia a percepção sensível e estimula a consciência crítica dos sujeitos, possibilitando uma compreensão mais reflexiva da realidade. Por meio da experiência artística, os educandos são convidados a questionar, explorar e expressar suas próprias ideias e sentimentos, o que favorece o desenvolvimento da autonomia e da liberdade.

Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica [...]. A educação cultural que se pretende com a proposta triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do próprio professor, acerca do mundo visual e não uma 'educação bancária' (1998, p. 40).

A autora sublinha que a arte na educação não se restringe à reprodução de técnicas ou à valorização do produto final. Ao contrário, ela estimula a criação, a experimentação e a reflexão sobre o próprio processo artístico. Desse modo, a arte se configura como um meio para a liberdade de expressão, de pensamento e de ação. Barbosa destaca ainda a relevância da leitura de imagens no contexto contemporâneo, caracterizado por um fluxo constante de informações visuais. Esse processo contribui para desenvolver a sensibilidade estética e o pensamento crítico, permitindo que o indivíduo compreenda, questione e ressignifique as representações visuais que o cercam, ampliando assim sua capacidade de expressão e autonomia criativa.

A escola, nessa perspectiva, desempenha um papel fundamental ao ensinar os educandos a lerem e interpretarem criticamente essas

imagens, capacitando-os a compreender o mundo e a se posicionarem de forma consciente. Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica [...]. A educação cultural que se pretende com a proposta triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do próprio professor. (1998, p. 40)

Em síntese, Ana Mae Barbosa nos convida a repensar o papel da arte na educação, não apenas como um conteúdo a ser transmitido, mas como um dispositivo de transformação e de libertação. Ao promover a criatividade, a reflexão crítica e a expressão individual, a arte se revela como um caminho para a construção de sujeitos mais autônomos, conscientes e livres.

Paulo Freire, com sua pedagogia da autonomia, convida-nos a repensar a educação como um ato de liberdade e emancipação. Acreditando na capacidade de cada indivíduo de construir seu próprio conhecimento, o autor propõe a superação da lógica da educação bancária, em que o professor deposita saberes em um aluno passivo. Nesse horizonte, a arte surge como linguagem universal e forma de expressão singular, constituindo-se em um poderoso dispositivo para o desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico e da sensibilidade. Ana Mae Barbosa, referência na arte-educação brasileira, reforça essa perspectiva ao destacar a importância da abordagem triangular, que integra o fazer artístico, a apreciação estética e a contextualização histórica da obra de arte. Assim, a liberdade — valor central para Freire e Barbosa — manifesta-se na arte como possibilidade de expressão autêntica, sem amarras ou censuras. Desse modo, a educação que promove a liberdade de criação e expressão contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e engajados com o mundo ao seu redor.

1.3 A imaginação que alimenta a liberdade

A intrínseca ligação entre a imaginação humana e a liberdade reside na capacidade de transcender as limitações do mundo físico imediato. Através da percepção, internalizamos o exterior, e a imaginação atua como um catalisador que nos permite reinterpretar e reconstruir essa realidade no plano da consciência. Essa faculdade de criar representações internas complexas e ambivalentes nos liberta da mera reprodução do presente, concedendo-nos a autonomia para conceber o ausente, o possível e até mesmo o improvável. Essa

liberdade imaginativa é essencial para a autonomia individual, pois nos capacita a formar opiniões, questionar o estabelecido e construir nossas próprias narrativas sobre o mundo.

Nesse sentido, Christoph Wulf (2013), professor alemão de Antropologia e Educação na Universidade Livre de Berlim, enfatiza que a imaginação é um motor essencial para a liberdade de pensamento e de expressão, pois, ao não se restringir ao tangível, possibilita a exploração de diferentes perspectivas, cenários e soluções, fomentando a criatividade e a inovação. Essa capacidade de imaginar além do presente impulsiona adaptações e transformações no âmbito cultural, permitindo que as sociedades evoluam e respondam a novos desafios. Em consonância com essa ideia, Lílian do Valle (2019), professora de Filosofia e pesquisadora em Artes, compreende a arte como uma atividade incessante de criação que transcende a mera (re)produção de objetos estéticos. Para a autora, a arte abrange tanto a materialização de artefatos quanto a realização de eventos artísticos que moldam ativamente as formas de inserção e de habitar dos indivíduos na cidade.

Assim como a imaginação enriquece a compreensão da realidade, a arte, imbuída da visão singular do artista, oferece novas perspectivas sobre a condição humana, desafiando certezas e provocando reflexão. Nesse contexto, a educação visual desempenha um papel fundamental, pois, ao ir além da simples decodificação de imagens, incentiva a análise crítica, a interpretação multifacetada e a exploração de diferentes linguagens visuais. Essa abordagem capacita os indivíduos a desenvolver um olhar mais abrangente e questionador sobre o mundo. Ao entrar em contato com múltiplas representações visuais — inclusive aquelas que desafiam normas e estereótipos —, os educandos são estimulados a romper com visões de mundo limitantes e a construir compreensões próprias da realidade. Corroborando essa perspectiva, Wulf (2013) argumenta que as imagens atuam como mediadoras ativas que reinterpretam e reestruturam a realidade percebida, influenciando profundamente a maneira como construímos nosso entendimento e estabelecemos nossas interações com o ambiente. Assim, a importância de uma educação visual crítica reside em sua capacidade de desnaturalizar valores hegemônicos e questionar as narrativas visuais que sustentam desigualdades e padrões culturais dominantes.

Ao analisar criticamente a construção dos emaranhados imagéticos, os indivíduos se tornam mais conscientes das ideologias subjacentes, dos vieses implícitos e das relações de poder que moldam nossa percepção. Essa consciência crítica é um passo fundamental para a liberdade, pois permite que nos desvinculemos de padrões de pensamento impostos e construamos nossas próprias perspectivas, baseadas em uma análise reflexiva e transformadora. Em suma, a imaginação, nutrida por uma educação visual abrangente e crítica, e manifestada na incessante criação artística, constitui um pilar fundamental da liberdade individual e coletiva. Ao nos permitir visitar o passado, transcender o presente, questionar o estabelecido e construir novas representações da realidade, a imaginação nos capacita a exercer nossa autonomia de pensamento e a participar ativamente na construção de um mundo mais justo e equitativo. Uma educação visual que estimule a análise crítica e a desconstrução de valores hegemônicos é, portanto, essencial para formar cidadãos livres, capazes de imaginar, criar e construir um futuro mais esperançoso, conforme as valiosas contribuições de Wulf e Valle nos auxiliam a compreender.

1.4 – Por que liberdade?

A temática da liberdade nas Artes Visuais, embora possa parecer trivial ou um clichê, ressoa profundamente nas experiências de muitos que foram privados dela. A liberdade, um conceito denso e complexo, permeia os ideários de grupos como a população negra escravizada no Brasil, as mulheres que enfrentam violências e desigualdades, indivíduos sob o sistema carcerário, pessoas transgêneras em busca de reconhecimento e trabalhadores explorados, entre outros. Trata-se de uma vasta lista de seres humanos que compreendem a liberdade como um direito fundamental para o bem-estar físico e mental. Direito esse sempre sob risco e pelo qual se tem que lutar diariamente.

Para aprofundar essa reflexão, apresento o poema “A liberdade custa caro”, de Sérgio Vaz, poeta e fundador da COOPERIFA, coletivo de poesia que organiza saraus em bairros periféricos de São Paulo.

Outro dia na rua: -E aí poeta, firmeza total? -Firmeza rapaz, na paz? -
Ah, mano, correndo feito louco. -É isso mesmo. -Pra falar bem a

verdade, tô pensando em entrar pro crime. -O que? Tá louco? -Pô, trabalho pra carai e tô sempre duro. -Nada a ver, não a sua cara... -É, mas... -Posso te fazer uma pergunta? -Ô, poeta, claro! -Se você estivesse preso e tivesse dinheiro, quanto você pagaria pela sua liberdade? -Cê é loko, pagaria até um milhão, mano. - Então. - Então o que?

- Você está na rua, livre, e ainda por cima está economizando 1 milhão de reais. -Carai tio, não tinha pensado nisso. -Pois é... vai viver a vida, moleque, e deixa de pensar besteira. -Poeta, você é zica. -Bora ser feliz. -Desculpaí, é que as vezes... -Deixa isso pra lá, vamos gastar essa liberdade junto. -Quer um dinheiro emprestado? -Ha ha ha ha ha. -Ha ha ha ha ha. -Moleque? -Fala? -Agora você me deve 1 milhão de dias na rua. -Vô te pagar dia por dia. -Ha ha ha ha ha. -Ha ha ha ha ha.¹

Assim como o interlocutor de Sérgio Vaz no poema, tendemos a banalizar o valor da liberdade em nosso cotidiano. No entanto, basta perdê-la por um instante para percebermos que viver sem liberdade é como viver sem oxigênio. A liberdade é a nutrição de sonhos, saberes, fazeres e encontros; é, portanto, um elemento fundamental para poetizar a vida.

Uma das primeiras manifestações artísticas que me levaram à reflexão sobre a liberdade foram as músicas de punk rock, especialmente as de viés anarquista. Essas músicas também impulsionaram a pesquisa sobre pensadores anarquistas como Mikhail Bakunin, Errico Malatesta e Maria Lacerda de Moura, entre outros. A seguir, apresento a letra de “Quanto vale a liberdade?”, da banda Cólera, uma das pioneiras do movimento punk brasileiro.

Quanto vale a liberdade? /Pra vocês ela tem um preço /Quanto vale a confiança? /Não quero esperar /Não acredito no seu dinheiro /Onde está o seu caráter /Deve estar perdido em algum beco /Horas você enlouquece /E depois quer fugir /Se refugia como um animal.²

A canção “Quanto vale a liberdade?” pulsa como um grito visceral contra a desigualdade que atravessa o Brasil e o mundo. Essa desigualdade, alimentada pela precarização econômica, empurra as camadas mais vulneráveis da população para um ciclo implacável de luta pela sobrevivência e subordinação. Como falar em liberdade quando saúde, educação e segurança alimentar são luxo para poucos, e a violência, os abusos e as privações se tornam parte da rotina? Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Kristin

Ross (2016) em *Luxo Comunal*, obra na qual a autora analisa como artistas do povo forjaram o imaginário político da Comuna de Paris, evidenciando a potência transformadora da arte como meio de resistência coletiva e construção de novos horizontes de liberdade.

No diálogo entre o movimento punk e o pensamento anarquista, um nome brilha com intensidade: Maria Lacerda de Moura. Visionária e destemida, ela rompeu as barreiras da educação tradicional brasileira, denunciando sua função cruel de manter intactas as desigualdades sociais. Para ela, olhar para as crianças pobres era enxergar não só a ausência de recursos, mas a supressão da essência e do potencial humano. Maria Lacerda de Moura sabia que a escola verdadeira não podia ser apenas um depósito de conteúdos. Era preciso destruir as correntes de uma pedagogia opressora, que silenciava vozes e limitava sonhos. Sua proposta era revolucionária: uma educação que liberte, que desperte a criatividade, que transforme cada criança em protagonista da própria história.

Sua coragem e sinceridade brilhavam nas palavras que nunca se esconderam, nas quais ela afirmava com transparência:

"Nunca tive a covardia de esconder o pensamento no côncavo da mão ao invés de deixá-lo escoar-se pela pena. É possível que eu tenha contradições (como todos têm), que eu erre (nem sou infalível, como ninguém é), que eu seja sensível demais e que a razão me governe menos que o coração e posso dizer ainda: todos são governados pelo sentimento" (MOURA, 1919, p. 232).

A escola ideal, para Moura, é um espaço de acolhimento, inspiração e emancipação — um lugar onde se prepara não apenas para o mercado, mas para a construção de um mundo mais justo e igualitário. Como ela mesma alertava com sua força implacável:

"As crianças pobres, mal alimentadas, mal agasalhadas, mal dormidas, desenvolvem-se menos, sofrem as consequências das injustiças sociais e concorrem para a perpetuação desse estado de civilização, o qual permite que o homem seja o explorador do próprio homem." (MOURA, 1925, p. 215).

Percebemos, então, que a liberdade não pode ser tratada como algo trivial, supérfluo ou ingênuo. Ela é, na verdade, o alicerce de uma sociedade que

anseia pelo respeito à vida em todos os seus matizes. É um exercício que nos convida a tecer, fio a fio, uma tapeçaria onde a responsabilidade, a solidariedade e o compromisso com o outro se entrelaçam. Pensar a liberdade é, assim, enxergar nossos vizinhos, amigos e todos que compõem o vasto tecido social como partes indissociáveis de nossa própria existência.

1.5 – A certeza da provisoriedade

Como as artes visuais se diferenciam de outras áreas do conhecimento no sentido de propiciar momentos de liberdade, de criação e de experimentos imaginativos? Talvez não tenhamos uma resposta definitiva para essa pergunta. Afinal, assim como a vida e a ciência, no campo das artes visuais temos certeza apenas da provisoriedade dos resultados, pois tudo está em constante movimento, mudança, devir. Entretanto, podemos ter acesso a algumas pistas. E, nesse contexto movediço que é a de saberes, arrisco afirmar que o que torna o ensino de Artes Visuais único na proposição de momentos de liberdade é a capacidade de poetizar o ordinário. Mas o que seria isso? Nada mais que produzir encantamento a partir de coisas completamente desencantadas pela rotina das engrenagens cotidianas.

Primeiramente, devo pedir que estendam a palavra “arte” para além das matérias compostas de obras de arte conscientes, de modo a incluir não apenas a pintura e a escultura ou a arquitetura, mas também as formas e cores de todos os objetos de casa. Melhor! De modo a incluir até o arranjo dos campos da lavoura e de pasto, a gestão das cidades e das rodovias. Que a estendam a todos os aspectos externos de nossa vida. (MORRIS, William apud ROSS, Kristin. 2021, p.102)

A insistência de Manoel de Barros, ilustre poeta brasileiro, em sua poesia sobre insignificâncias (BARROS, 2011), em resgatar o valor do pequeno e do desimportante, ecoa como um clamor que pode ser visto no âmbito de um ensino de Artes Visuais que transcenda as amarras das grades curriculares rígidas e da doutrinação de corpos que muitas vezes caracteriza o ambiente escolar. Ao propor essa inversão da percepção, o poeta sugere uma ruptura com a visão utilitária e pragmática do mundo, convidando à valorização da epifania do cotidiano. Nesse contexto, a arte, em vez de ser ensinada como mera técnica ou conteúdo a ser assimilado, deveria emergir como um exercício de poesia, um

caminho para a ressignificação do banal e para a subversão da lógica produtivista que atrofia a sensibilidade. Permitir que o aluno desbanalize o mundo é abrir espaço para a invenção, para a liberdade de pensamento e para a constituição de subjetividades que resistam à padronização imposta pela normatização escolar.

Poema - Manoel de Barros

A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.
 Meu fado é o de não saber quase tudo.
 Sobre o nada eu tenho profundidades.
 Não tenho conexões com a realidade.
 Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
 Para mim poderoso é aquele que descobre as
 insignificâncias (do mundo e as nossas).
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
 Fiquei emocionado e chorei.³

2 - DANÇA DA CRIAÇÃO: ARTE E VIDA NA SALA DE AULA

A aula de Artes Visuais é um convite irresistível à dança com o mundo. Não se trata de uma sala estática, mas de um encontro vibrante, um verdadeiro emaranhado de vida onde as coisas se revelam em seu pleno fluir. Inspirados pelo pensamento de Tim Ingold (2012), antropólogo britânico, professor da Universidade de Aberdeen, nós entendemos que uma "coisa" não é um ponto final, um objeto acabado em uma prateleira empoeirada. Longe disso! Ela é um acontecer constante, um convite aberto para nos juntarmos à sua eterna "reunião".

Imagine só: cada material – a tinta que desliza, a argila que se molda, a fibra que se entrelaça, o pixel que cintila – é um corpo pulsante, uma presença viva em constante transformação. É como se tudo estivesse em um processo contínuo de "vir-a-ser-coisa", imerso em correntes de energia e mudanças. E nós, nessa aula, não somos meros observadores. Somos convidados a participar dessa dança, a tocar, sentir, experimentar e, assim, nos tornarmos parte da própria "mundificação" – um processo contínuo em que o mundo se constrói e se manifesta através de nossas interações.

Essa visão redefine profundamente o ensino de Artes Visuais, ao substituir práticas centradas na mera reprodução técnica ou na análise estática

³ BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

de obras por uma abordagem que privilegia o fazer artístico, a experimentação e a interação sensível com os materiais. Cada gesto criativo, cada toque na argila, constitui um acontecimento que nos transforma enquanto transformamos o mundo. Nessa perspectiva, o aprendizado não se limita à aquisição de habilidades manuais, mas envolve um processo de autoconhecimento e de construção simbólica, no qual o sujeito se reconhece como agente ativo de criação e de significação. Assim, o ensino das Artes Visuais deixa de ser um espaço de reprodução e passa a ser um campo de invenção, de liberdade e de reflexão crítica sobre as formas de ver e representar o mundo.

Tim Ingold (2012, p. 30) nos lembra que um cozinheiro, um alquimista, um pintor – eles não impõem a forma à matéria. Eles a convidam, a combinam, redirecionam seus fluxos e, com um olhar poético, tentam antecipar o que irá emergir. É uma entrega, uma celebração da liberdade dos materiais e, por extensão, da nossa própria liberdade. Pense na cerâmica, por exemplo: um pote não é um objeto imutável, mas um "corpo" vivo que exige "esforço e vigilância" para se manter (INGOLD, 2012, p. 211). Assim como os corpos, as coisas são processos em vez de estados fixos. Por isso, a arte em sala de aula não pode ser uma doutrinação de regras. Ela deve ser um convite constante à investigação, à liberdade da criação, que brota da compreensão da fluidez e da capacidade de transformação de tudo que nos cerca.

Nossa sala de aula se torna, então, um laboratório onde os materiais são parceiros nesse diálogo criativo. Antecipamos "emergências" e abraçamos a necessidade de "esforço e vigilância" para nutrir nossas criações – e, com elas, a construção de nossa própria subjetividade. A arte, nesse cenário, é como a liberdade da poesia, que se assemelha ao jardineiro vigilante: exige atenção constante aos detalhes, ao fluxo incessante das ideias e uma resistência incansável contra a fixidez e a domesticação. Neste paradigma, o ensino de Artes Visuais transcende a mera disciplina. Ele se torna um espaço de celebração: da potência criativa dos materiais, da liberdade dos nossos corpos e mentes, e de um convite constante à poesia que permeia a existência. É a liberdade de ser e fazer em um mundo que está sempre "virando-coisa" e se "mundificando" – um emaranhado criativo de linhas, processos e pura magia.

Ah! Se pintores e escultores fossem livres, não haveria necessidade de que se fechassem os salões. Bastar-lhes-ia reconstruir as nossas cidades: a começar pela demolição dos desprezíveis cubos de pedras onde seres humanos se empilham, ricos e pobres, o mendigo e o milionário pomposo, esfomeados e saciados, vítimas e carrascos. Eles queimariam numa imensa fogueira de alegria todos os buracos dos tempos de miséria, e imagino que, nos museus de obras a serem preservadas, não preservariam muitas das pretensões artísticas do nosso tempo. (RECLUS, Elisée apud ROSS, Kristin, 2021, p. 95)

Na mesma direção, mas com um repertório próprio, Stela Barbieri, artista e educadora brasileira, desenvolve uma série de pesquisas acerca do atelierismo. O estado de ateliê seria a materialização da presença do indivíduo que se conecta profundamente com seus materiais, espaços e relações, promovendo uma experiência de escuta e atenção que vai além do domínio técnico. Barbieri destaca que estar em estado de ateliê é uma postura de abertura, onde o corpo, a matéria e o ambiente se tornam sujeitos de uma investigação cotidiana, envolvendo uma atenção móvel e sensível às transformações que emergem no fazer artístico e no aprender.

Essa abordagem sugere que o ateliê não se restringe a um espaço físico delimitado, mas se configura como uma atitude de escuta e presença no mundo, capaz de ampliar a relação do sujeito com a própria criação e com o entorno. Barbieri afirma que, nesse estado, a relação com a matéria é carregada de possibilidades de invenção, em que o descontrole e a distração assumem uma valiosa potência criativa. Assim, o ateliê se torna um espaço de liberdade, de experimentação e de diálogo incessante entre o fazer e o pensar, convidando o indivíduo a explorar suas questões mais profundas e a construir um percurso singular de aprendizagem e expressão. Nesse sentido, podem emergir proposições de ateliê que nascem do próprio percurso criativo e desembocam em palavras entre imagens — num movimento contínuo em que palavra evoca imagem, e imagem evoca palavra — instaurando um ciclo poético de criação, reflexão e reinvenção.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho percorreu um caminho que une a educação pública brasileira em nosso momento atual à liberdade, à criatividade e à imaginação, com o ensino de Artes Visuais como catalisador.

Assim, articular essas concepções na prática pedagógica revela que a arte não se limita à produção de objetos finais, mas se configura como uma experiência de vivência, de escuta do mundo e de criatividade que se desdobra na liberdade de explorar o ordinário, imergindo o educando na sua própria poética de existência. Essa compreensão amplia o sentido da Educação em Artes Visuais, propondo uma interlocução entre o ato de fazer, o sensível e o inventivo, ampliando o potencial de cada estudante transformar o cotidiano em uma narrativa poética e plural do mundo.

Em síntese, o ensino de Artes Visuais, quando permeado pelos princípios aqui defendidos, transcende a disciplina castradora para se tornar um espaço de celebração da potência criativa de corpos e materiais. É um convite à poesia da existência, à liberdade de ser e fazer em um mundo que busca a todo momento nos aprisionar em lógicas de consumo e objetificação. Assim, podemos contribuir para a formação de cidadãos autônomos, críticos e capazes de construir um futuro mais esperançoso e justo. Como podemos continuar a desengessar os corpos e as mentes por meio das artes em nossas escolas?

As artes nas escolas podem ser um farol de liberdade ao incentivarmos a exploração sem molduras. Ao invés de nos apegarmos a resultados predefinidos, podemos valorizar o processo, a experimentação com diferentes mídias e a descoberta pessoal. A sala de aula se torna um laboratório onde o que poderiam ser considerados erros são verdadeiras celebrações de novas possibilidades e onde cada traço, mancha ou som é uma expressão autêntica do indivíduo. É nesse espaço de liberdade que a mente se expande e o corpo se move, quebrando as barreiras da inércia para construir um mundo mais justo e humano, passo a passo, obra a obra, vida a vida.

4 - REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. A atenção imersa na distração. *Ayvu, Revista de Psicologia*, v. 05, n. 01, p. 245-256, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 40.

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (Poema citado integralmente).

CÓLERA. Quanto vale a liberdade? In: *Pela paz em todo mundo* [vinil]. São Paulo: Ataque Frontal, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 121.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 12.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2012. pp. 30; 211.

MOURA, M. L. de. *Lições de pedagogia*. Volume I. São Paulo: TYP. Paulista, 1925.

PELED, Yiftah. Metodologias em poéticas visuais. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, v. 19, n. 33, p. 1-15, nov. 2012. DOI: 10.22456/2179-8001.44073. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/44073>. Acesso em: 10 ago. 2025.

VAZ, Sérgio. A liberdade custa caro. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/a-liberdade-custa-carro>. Acesso em: 18 maio 2025.